

“Era uma vez o sonho” foi o título do prefácio escrito para o catálogo da exposição que inaugurou esta galeria. Nessa altura o sonho era outro: abrir a galeria com uma exposição de Ilda Reis, minha avó, para quem não saiba. Esse sonho já realizado levou-me a outro sonho e espero que assim continue a ser... De sonho em sonho, como de cereja em cereja. Um dia, a propósito da exposição da Ilda, fui ao atelier do Guilherme Parente. Mal tinha entrado, já não me apetecia sair. Queria ficar ali naquele imaginário que já conhecia de exposições do pintor mas não no atelier, onde tudo está em construção, em definição, com uma ou outra tela inacabada, à espera da última pincelada que o Guilherme, de repente, tratará de pôr-lhe, num misto de poesia e fantasia.

Hoje, o sonho é diferente e trata da Obra do Guilherme Parente. Claro que não faltariam pessoas mais qualificadas para escrever uma introdução ao conjunto de trabalhos seus que aqui se apresenta, mas quis o Guilherme, e eu timidamente aceitei, que fosse eu a escrevê-la. Como penso que só devemos escrever sobre aquilo que de facto conhecemos, vou falar sobre aquilo que conheço e que é, simplesmente, o que sinto. A obra do Guilherme faz-me sentir que entrei num sonho, com personagens de encantamento, princesas e príncipes (nunca os sapos!!), castelos, nuvens, mar, luz, sol, cor... Sempre muita cor! Com uma leveza estonteante, em que todas as nossas referências e preconceitos são postas de lado apenas porque podemos esquecê-las. Ficamos simplesmente a olhar, a admirar, a deixar-nos invadir por toda aquela felicidade, pelo menos naquele instante! E de cada vez que necessitarmos ou que, egoístamente, nos apeteça ter um momento de tranquilidade, em que as coisas são alegres, bonitas e leves, então poderemos sempre olhar para uma tela do Guilherme. O nosso espírito, o meu pelo menos (e é disso que falo), sairá lavado. Com toda a sua materialidade de relevos, texturas, tintas, cada tela traz-nos algo tão imaterial como um sonho, uma imagem poético que por momentos nos suspende. E foi percorrendo o atelier do Guilherme que me dei conta, que afinal o sonho estava ali, representado de formas diferentes em cada pintura, mas sempre igual. Daí que me tenha surgido um segundo título para este texto: “Era muitas vezes o sonho”. No decurso da minha investigação sobre o trabalho do Guilherme encontrei uma frase, referida por Rui Mário Gonçalves no catálogo dos “30 anos de pintura do Guilherme Parente”, e que é autor Albert Camus. Parece-me relevante citá-la aqui: “*Toda a grande obra gira sempre em torno de um grande centro*”. Em meu entender, o centro do Guilherme Parente, como artista, é justamente o sonho...

Ana Matos

Lisboa, Outubro de 2004